

ANTOLOGIA GREGA DE BRUNO PALAVRO

Bruno Palavro

Livro II

II.1.38-49 – Sobre Hesíodo, Poliido e Simônides

Ἡσίοδος δ' Ἀσκραῖος ὄρειάσιν εἶδετο Μούσαις
φθεγγόμενος, χαλκὸν δὲ βιάζετο θυιάδι λύσσει,
ἔνθεον ἱμείρων ἀνάγειν μέλος. – Ἐγγύθι δ' αὐτοῦ
μαντιπóλος πάλιν ἄλλος ἔην Φοιβηίδι δάφνη
κοσμηθεὶς Πολύιδος· ἀπὸ στομάτων δὲ τινάζαι
ἤθελε μὲν κελάδημα. θεοπρόπον, ἀλλὰ ἐ τέχνη
δεσμῷ ἀφωνήτῳ κατερήτυεν. – Οὐδὲ σὺ μολπῆς
εὐνασας ἄβρὸν ἔρωτα, Σιμωνίδη, ἀλλ' ἔτι χορδῆς
ἱμεῖρεις, ἱερὴν δὲ λύρην οὐ χερσὶν ἀράσσεις.
ὥφελεν ὁ πλάσσας σε, Σιμωνίδη, ὥφελε χαλκῷ
συγκεράσαι μέλος ἡδύ· σὲ δ' ἂν καὶ χαλκὸς ἀναιδῆς
αἰδόμενος ῥυθμοῖσι λύρης ἀντήχεε μολπὴν.

E contemplava-se Hesíodo de Ascra, e as Musas do monte
ele invocava, e o bronze forçava com fúria impetuosa
ao desejar elevar a canção divinal. Perto dele
outro profeta estava também com a láurea de Febo
ornamentado, Poliido – e ele dos lábios queria
estremecer o seu divinatório rumor, mas a arte
com o grilhão da mudez o detinha. Nem tu repousaste
teu tenro amor de cantar, ó Simônides, inda desejas
cordas e lira sagrada que em mãos entretanto não pulsas.
Falta de quem te moldou, ó Simônides, falta com bronze
ter misturado o prazer musical – e afinal bronze mudo
te venerando, aos ritmos da lira canção ressoaria.

II.1.291-296 – Sobre Aquiles

Αἰχμητῆς δ' ἀνίουλος ἐλάμπετο δῖος Ἀχιλλεύς,
γυμνὸς ἐὼν σαγέων· ἐδόκευε μὲν ἔγχος ἐλίσσειν
δεξιτερῇ, σκαιῇ δὲ σάκος χάλκειον ἀείρειν,
σχήματι τεχνήεντι. μόθου δ' ἀπέπεμπεν ἀπειλὴν
θάρσεϊ τολμήεντι τεθηγμένος· αἱ γὰρ ὀπωπαὶ
γνήσιον ἦθος ἔφαινον ἀρήιον Αἰακιδάων.

E lampejava, lanceiro sem barba, o Aquiles divino
estando despido de aprestos – sua lança talvez a girasse
com sua destra, na sestra o escudo de bronze portava,
de artificiosa feição – o terror do tumulto apartava
com resoluta bravura aguçado, pois ambos os olhos
elucidavam o etos genuíno e melhor dos Eácidas⁵.

⁵ Descendentes de Éaco.

II.1.297-302 – Sobre Hermes

Ἦν δὲ καὶ Ἑρμείας χρυσόρραπις· ἰστάμενος δὲ
δεξιτερῇ πτερόεντος ἀνείρουε δεσμὰ πεδίλου,
εἰς ὁδὸν αἶζαι λελημένος· εἶχε γὰρ ἤδη
δεξιὸν ὀκλάζοντα θοὸν πόδα, τῷ ἔπι λαιὴν
χεῖρα ταθεῖς ἀνέπεμπεν ἐς αἰθέρα κύκλον ὀπωπῆς
οἷά τε πατρὸς ἄνακτος ἐπιτροπῶντος ἀκούων.
E Hermes da vara dourada estava também, e erigido
ele com a destra atava os laços da alada sandália,
ávido para lançar-se ao caminho – pois tinha de pronto
sua veloz perna destra dobrada, por cima a esquerda
mão esticada, e erguia ao éter seu ciclo da vista
como se ouvindo uma ordenação de seu pai e senhor.

II.1.306-310 – Sobre Ártemis

Φοίβου δ' οὐρεσίφοιτος ὁμόγνιος ἵστατο κούρη
Ἄρτεμις, ἀλλ' οὐ τόξον ἐκηβόλον οὐδὲ φαρέτρην
ιοδόκην ἀνέχουσα κατωμαδόν· ἦν δ' ἐπὶ γούνων
παρθένιον λεγνῶτον ἀναζωσθεῖσα χιτῶνα
καὶ τριχὸς ἀκρήδεμνον ἀνιεμένη πλόκον αὔραις.

Gêmea de Febo se erguia, a moça vagante dos montes,
Ártemis, mas sua aljava flecheira e seu longicerteiro
arco não tinha aos ombros – cingida por cima dos joelhos,
com virginal variegado na borda das vestes estava,
e do cabelo a elevar despojado trançado às brisas.

II.1.266-270 – Sobre Apolo

Εἶδον ἀκερσεκόμην ἑκατον θεόν, εἶδον ἀοιδῆς
κοίρανον, ἀδμήτοισι κεκασμένον ἄνθεσι χαίτην·
εἶχε γὰρ ἀμφοτέροισι κόμης μεμερισμένον ὥμοις
βόστρυχον αὐτοέλικτον. ἔλισσε δὲ μάντιν ὀπωπῆν,
οἷά τε μαντοσύνη μεροπήια πῆματα λύων.

Vi o de longos cabelos, longínquo divino, eu vi o
sumo senhor da canção, cabeleira em floreio indomável –
pois tinha em ambos os ombros, à parte do próprio cabelo,
um de seus cachos volteados – volteava seus mânticos olhos
como com mântica então desatando as humanas desgraças.

II.1.78-81 – Sobre Afrodite

Ἄγχι δὲ Κύπρις ἔλαμπεν, ἔλειβε δὲ νόροπι χαλκῷ
ἀγλαΐης ῥαθάμιγγας· ἀπὸ στέρνοιο δὲ γυμνῇ
φαίνεται μὲν, φᾶρος δὲ συνήγαγεν ἄντυγι μηρῶν,
χρυσεῖη πλοκαμῖδας ὑποσφίγξασα καλύπτρη.

Perto, a Cípris⁶ lampeava, libava no brilho do bronze gotas de seu esplendor – e ao longo do peito despida se elucidava, com manto amontoadado em torno das coxas, sob dourado suas tranças ao ter enlaçado num véu.

II.1.102-107 – Sobre Hermafrodito

Ἴστατο δ' Ἑρμαφρόδιτος ἐπήρατος, οὐθ' ὅλος ἀνὴρ
οὐδὲ γυνή· μικτὸν γὰρ ἔην βρέτας· ἦ τάχα κοῦρον
Κύπριδος εὐκόλποιο καὶ Ἑρμάωνος ἐνίψει·
μαζοὺς μὲν σφριγόνοντας ἐδείκνυνεν οἷά τε κούρη·
σχῆμα δὲ πᾶσιν ἔφαινε φυτοσπόρον ἄρσενος αἰδοῦς,
ξυνῆς ἀγλαΐης κεκερασμένα σήματα φαίνων.

E Hermafrodito amorável se erguia, nem todo mulher,
nem todo homem – pois mista era a imagem, tão logo dirias
ser filho moço da Cípris de seio bem-feito e de Hermes:
peitos robustos expunha, tal como se fosse uma moça –
toda a feição genital ilustrava de um macho louvável,
sempre a ilustrar misturados sinais de comum esplendor.

Livro III

III.8 – Odisseu interpela a própria mãe no Hades

*Ἐν τῷ Η ἡ τοῦ Ὀδυσσέως νεκρομαντεία· καθέστηκεν τὴν ἰδίαν μητέρα Ἀντίκλειαν περὶ
τῶν κατὰ τὸν οἶκον ἀνακρίνων*

Μᾶτερ Ὀδυσσῆος πινυτόφρονος, Ἀντίκλεια,
ζῶσα μὲν εἰς Ἰθάκην οὐχ ὑπέδεξο πάιν·
ἀλλὰ σε νῦν Ἀχέροντος ἐπὶ ῥηγμῖσι γεγῶσαν
θαμβεῖ, ἀνὰ γλυκερὰν ματέρα δερκόμενος.

*Em oitavo, a necromancia de Odisseu – apontou a própria mãe, Anticleia, perguntando
sobre as coisas de casa.*

Mãe de Odisseu ponderado às entranhas, ó mãe Anticleia:
viva em Ítaca então, não recebeste teu filho –
mas sobre as margens do rio Aqueronte agora surgida,
ele se assombra e sua mãe doce de novo contempla.

Livro VII

VII.55 – Alceu (de Metilene ou Messene)

Λοκρίδος ἐν νέμεϊ σκιερῷ νέκυν Ἡσιόδοιο
Νύμφαι κρηνίδων λοῦσαν ἀπὸ σφετέρων

⁶ Epíteto de Afrodite que faz referência a seu culto na ilha de Chipre. Hesíodo, na *Teogonia*, chama a deusa de “Ciprogênia” por ter lá nascido.

καὶ τάφον ὑψώσαντο· γάλακτι δὲ ποιμένες αἰγῶν
 ἔρραναν ξανθῷ μιζάμενοι μέλιτι·
 τοίην γὰρ καὶ γῆρυν ἀπέπνεεν ἐννέα Μουσέων
 ὁ πρέσβυς καθαρῶν γευσάμενος λιβάδων.

Num arvoredo sombrio pela Lócria, o corpo de Hesíodo
 ninfas foram lavar na água lá de suas fontes.
 Elas um túmulo ergueram – com leite os pastores de cabras
 logo o aspergiram, ao ter misto com mel aloirado:
 tal era a voz afinal que expirava das nove das Musas
 esse ancião, que provou delas os fluxos tão puros.

Livro XV

XV.24 – As asas de Eros, de Símias

Λεῦσέ με τὸν Γᾶς τε βαθυστέρνου ἄνακτ' Ἀκμονίδαν τ' ἄλλυδις ἐδράσαντα·
 μηδὲ τρέσης, εἰ τόσος ὢν δάσκια βέβριθα λάχνα γένεια.
 τᾶμος ἐγὼ γὰρ γενόμαν, ἀνίκ' ἔκραιν' Ἀνάγκα,
 πάντα δὲ Γᾶς εἶκε φραδαῖσι λυγραῖς
 ἔρπετά, πάνθ', ὅς' ἔρπει
 δι' αἶθρας.
 Χάους δέ,
 οὔτι γε Κύπριδος παῖς
 ὠκυπέτας οὐδ' Ἄρεος καλεῖμαι·
 οὔτι γὰρ ἔκρανα βία, πραῦνόφω δὲ πειθοῖ·
 εἶκε δέ μοι Γαῖα Θαλάσσας τε μυχοὶ χάλκεος Οὐρανός τε·
 τῶν δ' ἐγὼ ἐκνοσφισάμαν ὠγύγιον σκάπτρον, ἔκρινον δὲ θεοῖς θέμιστας.

Vê-me, de Gé⁷ funda no seio eu sou senhor, eu destronei pois o rebento de Ácmon⁸ –
 sem te espantar, pelo que sou, se me pesar barba nas faces felpas,
 pois eu nasci nos primordiais, quando Ananqué⁹ reinava:
 tudo às fatais ordens rendeu, de quantos
 rolam no chão e rolam
 no éter.
 De Caos¹⁰
 filho sou eu, da Cípris
 e Ares não sou, asa-veloz me chamam¹¹,
 pois eu reinei pela gentil persuasão, não força –
 e se render eu fiz o céu brônzeo afinal, fundos do mar e a terra,
 deles tomei cetro ancestral, como juiz aos divinais eu defini sentenças.

⁷ Nome alternativo de Gaia (terra).

⁸ Ácmon é uma figura obscura. A palavra grega tem relação com meteoritos e metalurgia, e pode ser traduzida como “bigorna”. Aqui, parece considerado uma divindade primordial, talvez pai de Urano (céu).

⁹ Traduzível como “necessidade, restrição”.

¹⁰ A palavra grega *kháos* tem a ideia de “abertura”, “separação”, e é geralmente traduzida como “abismo”. Não deve ser confundida com o “estado de desordem” que a palavra portuguesa sugere.

¹¹ Tradução de uma versão alternativa do texto grego: “[...] tudo rastejante se rendia aos juízos lúgubres dela [Ananqué], tudo quanto rasteja pelo éter e pelo abismo. E ainda sou filho da Cípris, e chamo-me prazeroso Eros asa-rápida [...]”.

XV.25 – O altar, de Besantino¹²

Ὅλος οὖ με λιβρὸς ἱρῶν
Λιβάδεσσιν οἷα κάλχη
Ὑποφονίῃσι τέγγει·
Μαύλεις δ' ὕπερθε πέτρης Ναζίης θοοόμεναι
Παμάτων φείδοντο Πανός· οὐ στροβίλῳ λιγνύι
Ἴξος εὐώδης μελαίνει τρεχνέων με Νυσίων.
Ἐς γὰρ βωμὸν ὀρῆς με μήτε γλούρου
Πλίνθοις μήτ' Ἀλύβης παγέντα βώλοις,
Οὐδ' ὄν Κυνθογενῆς ἔτευξε φύτλη
Λαβόντε μηκάδων κέρα,
Λισσαῖσιν ἀμφὶ δειράσιν
Ὅσσαι νέμονται Κυνθίαις,
Ἰσόρροπος πέλοιτό μοι·
Σὺν οὐρανοῦ γὰρ ἐκγόνοις
Εἰνάς μ' ἔτευξε γηγενῆς,
Τάων ἀείζων τέχνην
Ἐνευσε πάλμυς ἀφθίτων.
Σὺ δ', ὦ πῶν κρήνηθεν, ἦν
Ἴνις κόλαψε Γοργόνοιο,
Θύοις τ' ἐπισπένδοις τ' ἐμοὶ
Ὑμηττιάδων πολὺν λαροτέρην
Σπονδὴν ἄδην. ἴθι δὴ θαρσέων
Ἐς ἐμὴν τεῦξιν· καθαρὸς γὰρ ἐγὼ
Ἴὸν ἰέντων τεράων, οἷα κέκευθ' ἐκεῖνος,
Ἀμφὶ Νέαις Θρηκίαις ὃν σχεδόθεν Μυρίνης
Σοί, Τριπάτωρ, πορφυρέου φῶρ ἀνέθηκε κριοῦ.

O negror dos sacrifícios,
Liquefeito em rubro fluxo
Igual tinta, não me tinge.
Muitas facas bem afiadas sobre a pedra naxia¹³
Roupam bens de Pã, nem me escurece com fumaça
Inflamada o visgo em bom odor dos galhos nísios¹⁴.
O altar visto por ti não é de ouro,
Por torrões de Alibé¹⁵ não sou lavrado;
Outro ainda, que obraram Cintogênios¹⁶
Roubando cápreos cornos lá,
Morros do Cinto, plácidos,
Uso de quantos vão pastar,
Igual a mim tampouco é.

¹² Embora os manuscritos tragam a forma “Besantino”, acredita-se que o nome seja uma corruptela de “(Júlio) Vestino”. Ainda, o acróstico “Olímpio, por muitos anos imoles” é provavelmente dedicado ao imperador Adriano (117-138 d.C.).

¹³ A ilha de Naxos era famosa por suas pedras de amolar.

¹⁴ Nisa era uma região montanhosa consagrada a Dioniso, de cujas árvores se extraía uma resina cheirosa para produzir incenso.

¹⁵ Região próxima de Troia que produzia prata. Ver *Ilíada*, II. 857.

¹⁶ Apolo e Ártemis, nascidos no monte Cinto, onde se conta que construíram um altar com chifres quando ainda crianças. Ver *Hino a Apolo*, de Calímaco, v. 60.

Também da filiação do céu,
 Obra das Nove Térreas¹⁷ sou:
 Sua arte a sempre perdurar
 Anui o rei dos eternos.
 No teu beber da fonte, a qual
 O filho gorgôneo¹⁸ fendeu,
 Sobre mim vem com libações,
 Imolando também, e mais doces que o mel
 Mais profuso do Hímeto¹⁹ – vem com vigor
 Onde estou feito em obra, pois puro sou eu,
 Longe a letais víperos tais quais os que esconde o altar
 Entre as Neas Trácias, o qual rente a Mirina o ladrão
 Sacralizou, Trípator²⁰, pra ti, o do ilustre toção²¹.

Livro XVI

XVI.8 – Do mesmo (Alceu de Messene)²²

Οὐκέτ' ἀνὰ Φρυγίην πιτυοτρόφον ὥς ποτε μέλψεις
 κροῦμα δι' εὐτρήτων φθεγγόμενος δονάκων,
 οὐδ' ἔτι σαῖς παλάμαις Τριτωνίδος ἔργον Ἀθάνας
 ὥς πρὶν ἐπανθήσει, νυμφογενὲς Σάτυρε.
 δὴ γὰρ ἀλυκτοπέδαις σφίγγη χέρας, οὐνεκα Φοίβῳ
 θνατὸς ἐὼν θεῖαν εἰς ἔριν ἠντίσας.
 λατοὶ δ' οἱ κλάζοντες ἴσον φόρμιγγι μελιχρὸν
 ὥπασαν ἐξ ἀέθλων οὐ στέφος, ἀλλ' Αἶδαν.

Nem dançarás como outrora na Frígia nutriz dos pinheiros,
 com melodia a soar pelos furinhos das flautas,
 nem mais terás em tuas palmas a obra de Atena Tritônia
 como exaltavas em flor, sátiro, filho da ninfa.
 Sim, nas correntes apertadas as mãos, pois topaste com Febo,
 sendo tu mesmo mortal, numa disputa divina.
 Flautas de lotos silvantes, melíficas tal como a lira,
 deram das provas a ti não a coroa, mas o Hades.

¹⁷ As nove Musas, aqui não filhas de Mnemosine (memória), mas de Gaia (terra). Já a “filiação do céu” do verso anterior provavelmente se refere às Cárites (graças).

¹⁸ Pégaso, nascido do sangue de Medusa. Com uma patada, fez botar a fonte Hipocrene.

¹⁹ Monte Hímeto, famoso pelas abelhas, “filhas do Hímeto”, e por seu mel.

²⁰ Comumente entendido como epíteto de Atena, relacionado aos outros “Tritogênia” e “Tritônia” (também controversos). A princípio, significa “a de três pais”, mas, por ser um substantivo também masculino, “três vezes pai” ou “ancestral” são traduções aceitáveis. Os sentidos desses epítetos são obscuros.

²¹ Os três versos finais aludem a Jasão, ao roubo do Velocino de Ouro e à história de Filoctetes. Entende-se que Jasão teria erigido o altar junto do qual, mais tarde, Filoctetes seria picado por uma cobra venenosa. Mirina é uma cidade da ilha de Lemnos, esta visitada por Jasão em sua jornada. Não fica claro se as Neas Trácias são um local pontual próximo de Mirina ou uma região mais ampla da Trácia que abarca a ilha de Lemnos.

²² Poema sobre o sátiro Mársias, que recolheu a flauta inventada e descartada por Atena e desafiou Apolo para uma competição musical, da qual saiu perdedor e punido pelo deus.

Como citar este texto (ABNT):

PALAVRO, B. Antologia grega de Bruno Palavro. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 19-24, 2019.